Velhacap está mais perto do sonho do assentamento

Depois de cinco anos de reivindicação, os moradores da Velhacap, um dos mais antigos acampamentos de Brasília, podem estar próximos de ver o sonho do assentamento definitivo realizado. O secretário de Habitação, Heitor Reis, determinou a constituição de um grupo de trabalho para decidir, em prazo de uma semana, qual dos diversos projetos para a área será adotado.

Ainda não está certo se a solução final será a defendida pela Associação de Moradores da Velhacap, de assentar no máximo 500 famílias, reservando lotes maiores para as 100 famílias que atualmente moram no local. Outros planos para a área são sugeridos pela Associação dos Inquilinos do Núcleo Bandeirante e pelos excedentes do plano de habitação da Candangolândia, localidade vizinha à Velhacap. O ex-diretor Imobiliário da Shis, Eus-

táquio Santos, teme que se crie uma "área de mansões" e calcula que o espaço possa abrigar até 1 mil famílias.

Heitor Reis visitou ontem a Velhacap e ouviu dos moradores o apelo de fazer justiça aos que moram lá desde a fundação da capital, sem nunca regularizar a posse do terreno. Também argumentaram em defesa de seu projeto que a ocupação da área deve respeitar o meio ambiente: o traçado das ruas deve preservar as árvores.

A área contígua à Velhacap é um santuário ecológico da Fundação Zoobotânica, que se estende até o Jardim Zoológico. Segundo os moradores, eles também colaboram na proteção ecológica, o que seria inviável com um excessivo crescimento populacional. A Fundação, que juntamente com a Terracap é proprietária da área a ser assentada, veria com

bons olhos a sua proposta, segundo eles.

Outra diferença entre o projeto defendido pelos moradores e o assentamento da Candangolândia é que eles mesmos se dispõem a construir as casas, pois consideram as da Shis de má qualidade. Em contrapartida, querem "lotes razoáveis", de área de 300 a 500 metros quadrados para as 100 famílias pioneiras. As demais 400 famílias, provenientes de outras áreas, teriam lotes de 120 a 300 metros quadrados.

"Não seria justo deixar de reconhecer o direito dos que estão aqui há 30 anos em favor de alguns invasores que acabaram de chegar. Isso até estimularia a migração para a cidade", alegou Kleiler Luiz de Faria, presidente da Associação de Moradores, cujo pai participou da construção da cidade.